

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

SOBRE A NOÇÃO DE SAÚDE DECORRENTE DA TEORIA DO AMADURECIMENTO EMOCIONAL DE DONALD WINNICOTT

Juliana Martins Rodrigues¹, Carlos Augusto Peixoto Junior²

¹ Psicóloga; Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio; Analista e Gestão em Saúde em Saúde no Instituto Fernandes Figueiras/ Fiocruz - Setor de Psicologia.

² Psicanalista; Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ; Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio;

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

No âmbito das teorias psicanalíticas, de um modo geral, desenvolvimento emocional e saúde são temas que tendem a aparecer de forma simultânea, na maioria das vezes compreendidos como processos inter-relacionados. Em uma perspectiva desenvolvimentista de cunho mais clássico, a noção de saúde decorre, em grande parte, daquilo que é esperado em cada fase do processo de desenvolvimento. A título de exemplo, podemos citar as clássicas fases psicosssexuais descritas por Freud (1905/1996). No contexto dessa teoria é preciso passar pelas fases oral e anal para finalmente chegar à fase genital, sendo que cada um desses estágios deve obedecer a características esperadas e se apresentar de forma cronológica no desenvolvimento libidinal infantil para que este possa ser considerado saudável. Cabe também citar como exemplo de uma perspectiva desenvolvimentista mais clássica a teoria do psicanalista alemão Karl Abraham, que desdobra em seis as três fases psicosssexuais descritas na teoria do desenvolvimento sexual infantil de Freud. Para Abraham (1924/1970), a fase oral compreende uma fase oral primitiva (sucção) e uma fase oral posterior (canibalesca); já a fase sádico-anal engloba a fase sádico-anal primitiva (evacuação e destruição do objeto) e a fase sádico-anal posterior (retenção e controle do objeto) e, finalmente, a fase genital (fálica) se desdobra em fase genital inicial (ambivalente) e fase genital final (livre da ambivalência). Nessa teoria, igualmente, é esperado que a criança demonstre, no momento adequado, as características esperadas. Poderíamos citar ainda, mesmo que brevemente, as posições esquizo-paranoide e depressiva tal como propostas por Melanie Klein (1952/1991). Dado que elas se sucedem, a “identificação” depressiva ocupa o sistema “introjeção-projeção” da fase anterior, além de preparar a criança para o acesso a uma posição sexual marcada pela experiência edípica. Pode-se afirmar que, no âmbito das teorias citadas,

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

qualquer desvio, salto, regressão ou fixação merece atenção por sair de um padrão considerado “normal” ou “saudável”.

No decorrer deste artigo, pretendemos abordar o tema da saúde no contexto da teoria do psicanalista e pediatra britânico Donald Woods Winnicott (1896-1971), partindo do pressuposto de que a sua conceituação sobre o tema se coloca em uma vertente distinta daquela sustentada pelo pensamento psicanalítico mais tradicional. A teoria do amadurecimento proposta por esse autor não é linear, assim como os processos de subjetivação, do seu ponto de vista, não acontecem um depois do outro, tal como numa teoria clássica do desenvolvimento. Na processualidade que caracteriza o amadurecimento em sua perspectiva, os eventos vão acontecendo de forma concomitante, marcados por movimentos de idas e vindas, sem que isso necessariamente caracterize um processo de doença. Considerando esses aspectos, acreditamos que o autor não formula propriamente uma teoria do desenvolvimento, e sim uma teorização sobre o processo de amadurecimento.

Tendo em conta a lógica paradoxal que fundamenta o pensamento winnicottiano, cabe lembrar desde já que alguns de seus conceitos a respeito da saúde também se sustentam em paradoxos. Como exemplo de uma teoria que aponta para a presença marcante de um pensamento paradoxal, podemos citar a sua clássica proposição de que “não existe isso que se chama um bebê”, visto que nos primórdios da experiência humana o que existe é uma dupla mãe-bebê, que só com o passar do tempo vai se diferenciando. Outro exemplo são as ideias de espaço e fenômeno transicional, as quais postulam a existência de uma terceira área da experiência, que não é nem interna nem externa, mas pela qual também transitamos inevitavelmente, ainda que com maior ou menor facilidade.

Também será destacado no decorrer do artigo, a importância que o psicanalista britânico confere ao corpo na teoria do amadurecimento. Winnicott (1988/1990) afirma que o ambiente capaz de fornecer ao bebê um bom *holding* (sustentação) e um bom *handling* (manejo), traz como consequência um

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

cuidado físico que é também um cuidado psicológico. “Observa-se que seu pensamento comporta uma concepção imanente de vida, tendo a univocidade como característica, ao deixar claro que a saúde mental é também saúde corporal e vice-versa” (Rodrigues & Peixoto Jr., 2014, p. 301).

O percurso que faremos pela obra de Winnicott visa, conforme visto até aqui, abordar a gênese dos estados de saúde no indivíduo e evidenciar como a Psicanálise winnicottiana consegue se despojar de algumas tradições e essencializações próprias ao pensamento psicanalítico clássico, trazendo novas contribuições teóricas para a exploração das mais diversas formas de abordagem terapêutica solicitadas pela prática clínica da atualidade.

O ambiente suficientemente bom e o amadurecimento emocional

Borges (2008) sugere aproximar o processo de maturação, tal como proposto por Winnicott, da ideia de movimento contínuo de um corpo e um pensamento abertos a constantes transformações decorrentes dos acontecimentos e da forma de relacionamento que se estabelece com o ambiente circundante. Nas palavras da autora,

O acontecimento é algo que se passa na superfície de um corpo, a partir dos acasos, e que faz com que haja possibilidade de transformação de um organismo no contato com o outro. É através do encontro dos corpos, nas suas singulares diferenças, que a vida se manifesta como potência expansiva. (Borges, 2008, p. 2)

Visto que o processo de amadurecimento começa logo após a concepção (e nos estados de saúde se estende até a morte), a maternagem ganha notoriedade no pensamento de Winnicott por ser a primeira forma de relacionamento que o vivente experimenta. De fato, toda a teoria winnicottiana a respeito da saúde e do amadurecimento emocional recai primordialmente sobre os estágios iniciais de vida, quando as bases da personalidade estão sendo construídas.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

Winnicott considera que nos primórdios da existência não parece possível falar a respeito de um bebê sem falar sobre sua mãe ou sobre quem exerce o papel da figura materna. O autor chega mesmo a afirmar que, de início, o meio ambiente é parte do bebê, “a mãe ou a pessoa que se encontra no lugar dela é um objeto subjetivo – em outras palavras, não foi objetivamente percebido – e, portanto, a maneira pela qual a mãe se comporta faz realmente parte do bebê” (Winnicott, 1989/1994, p. 441). Nesses termos, segundo a teoria winnicottiana, na fase inicial do processo de amadurecimento o bebê ainda não é um sujeito, e sim, no contexto da lógica paradoxal de seu pensamento, uma unidade dual. É essa união mãe-bebê que permite, mais tarde, que o indivíduo se experimente e se apodere de si.

O desenvolvimento emocional primitivo, tal como descrito por Winnicott, tem como componentes destacados no processo de amadurecimento humano e na construção de uma existência com saúde os processos de integração (no tempo e no espaço), personalização (o estabelecimento de uma parceria psicossomática) e realização (início de relações objetivas). É importante esclarecer que essas tarefas se prolongam por toda a vida, não cessam no momento de sua conquista, assim como não seguem uma trajetória linear.

Em seu livro *Natureza Humana* (1988/1990), Winnicott considera que cada indivíduo está destinado a amadurecer, o que significa integrar-se numa unidade e responder por um eu. Para falar do processo de integração, o autor supõe um estado de não integração primária e a importância de que haja uma pessoa para “juntar os pedaços” do bebê. Portanto, inicialmente, quando o indivíduo ainda não é uma unidade e sim um conjunto ambiente-indivíduo, realidade interna e realidade externa se confundem fazendo com que o bebê não possa existir sozinho, mas somente na dependência de cuidados por parte de alguém que deve lhe apresentar o mundo de maneira adequada às suas necessidades. A argumentação do psicanalista inglês de que as bases para a saúde psíquica se estabelecem no início da vida por condições ambientais

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

satisfatórias assinala a primazia que o autor confere ao aspecto relacional e à construção da força do ego no processo maturacional (Rodrigues & Peixoto Jr., 2014, p. 301).

Para Winnicott (1960a), o ego é mais primitivo que o id, assim como a questão da pulsão está submetida à questão da maturidade do ego. No texto sobre “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (1962/1983), o ego, conceito bastante complexo, existe desde sempre, faz parte do *self*, mas seu estado pode ser de integração ou de não integração, dependendo do tipo de provisão ambiental oferecido em momento precoce da vida do bebê.

O estudo da psicologia do ego nos leva à fase de dependência absoluta, momento em que mãe e bebê estão fusionados e não devem ser considerados como entidades separadas. O autor afirma que ao nascer o bebê certamente apresenta pulsões e um potencial herdado que indicam a tendência para o crescimento e desenvolvimento; no entanto, de início, as forças do id aparecem como externas ao bebê e somente o ambiente suficientemente bom e o cuidado materno, funcionando como ego auxiliar, lhe possibilita se desenvolver e posteriormente sentir o que é externo e o que faz parte de seu *self*.

Deve-se ressaltar que ao me referir a satisfazer as necessidades do lactente não estou me referindo à satisfação de instintos. Na área que estou examinando os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente. Os instintos podem ser tão externos como o trovoar de um trovão ou uma pancada. O ego do lactente está criando força e, como consequência, está a caminho de um estado em que as exigências do id serão sentidas como parte do *self*, não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um importante fortificante do ego, ou do *self* verdadeiro, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incorporá-las, e ainda é incapaz de sustentar os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torne um fato. (Winnicott, 1960b, p. 129)

Segundo o autor, os impulsos do id só serão sentidos como pessoais depois de uma construção minimamente integrada do espaço do eu, e,

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

portanto, seria incorreto colocar o tema da gratificação instintiva ou das relações objetais antes do tema da organização do ego. A teoria de Winnicott estuda o processo de amadurecimento do ser humano pensado em termos relacionais. Para o psicanalista inglês, a saúde não pode ser descrita em termos apenas individuais e, fundamentalmente, não é possível pensar uma criança saudável dentro de um ambiente não saudável.

No entendimento de Winnicott, a força do ego (Winnicott, 1960a/1983) tem a ver com a sensação de uma continuidade do ser, que é resultado de um bom *holding* e uma boa provisão ambiental geral. No entanto, quando a provisão do ambiente não é satisfatória, o lactente experimenta conscientemente a necessidade de reagir às falhas do meio, e isso lhe causa um enfraquecimento do ego e uma interrupção na sensação de continuidade de ser. Essa sensação de continuidade, que para Winnicott guarda fortes relações com a ideia de saúde, será analisada de forma detalhada mais adiante.

O *holding*, que pode ser compreendido com um “segurar”, “sustentar” fisicamente o bebê e suas necessidades iniciais, está intimamente relacionado com o sentimento de confiabilidade no ambiente que ele passa a desenvolver quando suas necessidades são atendidas em um espaço de tempo que ele pode tolerar, esperando sem maiores problemas. Nesse período inicial da existência, uma necessidade não atendida, ou mesmo uma demora excessiva no seu atendimento, geram ansiedades arcaicas de qualidade muito intensa. Essas ansiedades inimagináveis podem ser evitadas pela identificação da mãe com o filho. Se adequada afetivamente, essa identificação permite que ela saiba sem maiores dificuldades de quais cuidados o seu bebê necessita. O fato de a mãe estar identificada com seu bebê gera previsibilidade no atendimento de suas necessidades. Nesse sentido, um *holding* ineficiente gera uma sensação de imprevisibilidade e de falta de confiabilidade no ambiente. De acordo com Elsa Dias (2003), a confiabilidade se torna uma categoria

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

central para compreender o trauma, que passa a ser analisado em termos de previsibilidade e imprevisibilidade do ambiente.

Tendo abordado o tema da integração, podemos passar a falar do processo de personalização. De acordo com Peixoto Jr. (2008), a integração está relacionada principalmente com o cuidado, e a personalização, antes de tudo, com o manuseio. Uma personalização satisfatória é desenvolvida pelo sentimento por parte do bebê de que está dentro do próprio corpo, experiência construída mediante uma forma satisfatória de cuidado corporal. “Grande parte do cuidado físico dedicado à criança – segurá-la, manipulá-la fisicamente, banhá-la, alimentá-la, e assim por diante – destina-se a facilitar a obtenção, pela criança, de um psique-soma que viva e trabalhe em harmonia consigo mesmo” (Winnicott, 1967/2005, p. 12). O meio seguro e confiável predispõe e estimula a integração psicossomática. A teoria winnicottiana enfatiza que operar numa existência psicossomática faz parte do tema mais amplo da integração e da tendência ao amadurecimento e, portanto, se mostra também como um fator de saúde.

Sendo o soma a base da psique, Winnicott postula que esta começa como elaboração imaginativa das funções somáticas e tem como uma de suas principais tarefas juntar as experiências passadas com as potencialidades do presente e as expectativas futuras, no intuito de possibilitar a existência de um *self* que englobe a sensação de que dentro do corpo existe um indivíduo. Como aponta Plastino (2013), o conceito do psicossoma coloca em evidência o papel central que a fantasia, processo anterior à criatividade, exerce na teoria winnicottiana acerca do amadurecimento. O aspecto psíquico se forma a partir da capacidade de fantasiar as funções somáticas, o que singulariza o humano. A existência psicossomática, a personalização, é construída nas relações humanas e o fantasiar não é compreendido como uma espécie de resposta ao princípio da realidade, mas está relacionado ao ato de criar.

Tradicionalmente, o corpo é relegado pela Psicanálise clássica a um segundo plano de importância, visto como uma questão pertinente somente

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

aos campos da Medicina e da Biologia. Winnicott trabalha em uma perspectiva oposta, tendo como referência a existência psicossomática em uma perspectiva crítica ao dualismo cartesiano moderno, o que sugere mais uma vez a afinidade do psicanalista inglês com uma tradição de pensamento imanente e unívoca.

Como aponta Peixoto Jr. (2013), ainda que, para que haja saúde, corpo e psique devam estar integrados, eles não são originalmente superpostos, e essa é uma importante diferença entre os pensamentos de Espinosa e Winnicott. Nas palavras do autor, “Gradualmente, a psique chegaria a um importante acordo com o corpo, de tal forma que, na saúde, deveria existir um estado no qual as fronteiras corporais seriam também as fronteiras da psique, tal como queria Espinosa” (Peixoto Jr., 2013, p. 8).

Uma vez que o psiquismo consegue se integrar no corpo, um *self* verdadeiro pode entrar em ação. O verdadeiro *self* apoia-se na ideia do gesto espontâneo, que representa as múltiplas facetas das manifestações de si. “No estágio inicial o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vêm o gesto espontâneo e a ideia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação” (Winnicott, 1960b/1983, p. 132). Ao acolher o gesto espontâneo e as ilusões de onipotência do bebê, a mãe possibilita a emergência do verdadeiro *self*, que será a base do viver criativo, e do sentimento de ser real e de estar vivo, qualidades indicadoras de saúde.

Da mesma forma como ocorre no verdadeiro *self*, a etiologia da predominância do falso *self* também se encontra na fase da dependência absoluta e das primeiras relações objetais. No entanto, no referido caso, Winnicott considera (1960b/1983) que a mãe não foi capaz de uma adaptação ativa às necessidades do bebê e, portanto, não pôde lhe proporcionar a sensação de onipotência, favorecer sua expansão, ou acolher seus gestos espontâneos. Muito ao contrário, nesse estado de coisas, a mãe substitui o gesto do bebê por seu próprio gesto e dessa forma provoca um estado de submissão no lactente que deve aceitar um gesto que não satisfaz suas

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

necessidades, mas sim as do próprio ambiente. Aí teria início o falso *self*, uma defesa do vivente que gera uma fuga de si, um corpo não intensivo, e, como diria Borges (2008, p. 8), “um corpo impotente, estagnado num lugar fixo, paralisado pelas marcas, fechado aos encontros e aos fluxos: cristalizado no outro, destituído de si. O trânsito necessário entre falso e verdadeiro ficaria estancado, perdendo-se a experiência da espontaneidade”.

Assim como um ambiente que atende as necessidades individuais nas fases iniciais proporciona uma série de conquistas no processo de amadurecimento, o não atendimento dessas necessidades não gera apenas frustração: leva à aniquilação, angústias e ansiedades inimagináveis ou, em fases mais adiantadas, à perda da capacidade de se sentir real, vivo. Segundo Loparic (2011), para lidar com esse estado de coisas, no qual acontece um bloqueio do processo de amadurecimento e de integração, são construídos mecanismos de defesa psicóticos, do tipo esquizoide ou do tipo falso *self*. A propósito da adaptação ou desadaptação do ambiente ao bebê, Winnicott (1955-6/1978, p. 394) declara:

Temos aqui em primeiro lugar a dependência absoluta. Dois tipos de resultados podem ocorrer: num deles, a adaptação do ambiente à necessidade é suficientemente boa, de modo a permitir o surgimento de um ego que, com o tempo, poderá ter a experiência de impulsos do id. No outro, a adaptação do ambiente não é suficientemente boa, não havendo de fato o estabelecimento do ego e sim o desenvolvimento de um pseudo-eu que consiste numa coleção de reações a uma sucessão de falhas na adaptação.

No caso da presença de cuidados ambientais satisfatórios, que favoreçam a integração psicossomática – o gesto espontâneo e o verdadeiro *self* –, surge a mente como desdobramento do psicossoma e como mais uma marca da passagem da dependência absoluta para a dependência relativa. No caso de uma provisão ambiental insatisfatória, Winnicott afirma que o funcionamento mental é precocemente ativado e provoca um estado de alerta no bebê que o impede de repousar por conta da ativação de um sistema defensivo caracterizado por hipermentalização. Um tipo de funcionamento

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

mental prematuro e exagerado que traz consequências negativas, por ser desvinculado do corpo, dos sentimentos e das sensações do ego total. De acordo com Dias (2003), geralmente decorre desse estado de coisas uma incapacidade para a experiência que requer a participação conjunta da psique e do soma. Para a autora, nesses casos, pode se instalar no indivíduo um recurso onipresente a representações que proliferam e substituem a vida e a experiência.

A cada estágio do amadurecimento corresponde um diferente tipo de sentido de realidade, com diferentes tipos de objetos. Para Dias (2003), num primeiro momento, onde não existe nenhuma separação entre sujeito e objeto, a relação com os objetos subjetivos depende da confiança no ambiente e da ilusão da onipotência para que o bebê experimente o sentimento de estar vivo. Com a gradual desadaptação da mãe, que, decorridos alguns meses, de forma saudável começa a ter outros interesses, o bebê que não teve necessidade de fazer uso da mente bem cedo poderá, nesse estágio, desenvolver seu intelecto. Os fracassos saudáveis do cuidado materno impulsionarão o desenvolvimento intelectual, e o pensamento torna-se um aliado, um instrumento de adaptação às falhas ambientais.

Mas o mundo interno do bebê não se forma de uma só vez, isto é, logo a partir do momento em que ele consegue um estado de integração e personalização. Todas as experiências já vividas nos estágios mais iniciais, anteriores à integração, também contam na formação do seu mundo interno. No entanto, quando a diferença entre o eu e o não-eu já está bem estabelecida, os processos de introjeção e projeção se instalam definitivamente e possibilitam, além de maior autonomia, a formação de uma realidade psíquica pessoal que traz consigo a conquista da capacidade para o concernimento. Com o surgimento do eu, ganha sentido o relacionamento entre pessoas e, como consequência, o reconhecimento de que existe na mãe algo equivalente ao eu.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

O bebê gradualmente começa a reconhecer que os estados tranquilos e os estados excitados pelos quais passa fazem parte de uma relação com a mãe como pessoa total. As necessidades instintivas e as ideias agressivas contidas no amor primitivo são dirigidas à mesma mãe da dependência, e esse estado de coisas leva o bebê a se preocupar com seus relacionamentos. A preocupação descreve a forma como o bebê se dá conta de que os elementos destrutivos e amorosos de seus impulsos se dirigem ao mesmo objeto. Essa preocupação ou concernimento tem início na época da passagem da dependência absoluta para a dependência relativa e estabelece no indivíduo habilidades desejáveis para a vida em sociedade, como a capacidade de se importar, sentir e aceitar responsabilidade. Dessa forma, o *concern*, no contexto de um ambiente suficientemente bom, se apresenta como uma importante etapa do amadurecimento.

Neste momento, uma boa provisão ambiental ainda é de importância fundamental, e a mãe deve demonstrar que sobrevive aos ataques destrutivos do bebê; ela deve deixar transparecer que permanece a mesma e está sempre pronta para receber seus gestos espontâneos, inclusive os que demonstram agressividade. O sentimento de que o objeto sobrevive ao ataque sem retaliação e admite a reparação, gera a capacidade para o *concern*, que não envolve necessariamente culpa e ainda libera o bebê para experimentar com mais liberdade seu potencial instintivo. (Rodrigues e Peixoto Jr., 2014, p. 304)

Se a mãe tem a possibilidade de sustentar a situação cuja sequência é um “machucar-e-curar”; se o ambiente tolera a expressão da pulsão também na sua agressividade, apostando que ela possa ser construtiva, o bebê passa a acreditar no esforço do ato de reparação e a suportar a culpa. Quando se estabelece no bebê a confiança num ciclo benigno do ambiente que recebe, tolera, sobrevive e aceita a reparação, Winnicott (1963b) afirma que o sentimento de culpa sofre uma modificação e faz-se necessário recorrer a um termo mais afirmativo como preocupação. A preocupação – entendida também aqui pelo viés da consideração pelo outro – expressa de modo positivo um fenômeno que em sua aceção puramente negativa recebe o nome de culpa.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

A preocupação implica um grau maior de desenvolvimento emocional e oferece ao indivíduo elementos fundamentais para um bom relacionamento social, para a brincadeira e para o trabalho construtivo. É ainda nesse percurso, quando a criança deixa de ser *ruthless* para tornar-se compadecida (*concern*), que ela conquista além da capacidade de se preocupar, também a capacidade de se responsabilizar pelos resultados da instintualidade e pela agressividade que fazem parte da sua natureza.

Observa-se que o autor considera fundamental o papel desempenhado pela agressividade na criação da realidade externa, já que o impulso destrutivo permite ao bebê passar do relacionamento ao uso do objeto, assim como de uma experiência prioritariamente subjetiva a outra mais objetiva. Na teoria winnicottiana, a agressividade não é somente uma resposta às frustrações que a realidade externa impõe, e sim um impulso que cria a externalidade pela sobrevivência do objeto usado.

Mizrahi (2011) aponta no pensamento winnicottiano a ideia de uma vitalidade primordial que não necessariamente entra em conflito com as tensões da realidade relacional, o que fica bastante evidente quando Winnicott relaciona a agressividade não à pulsão de morte, mas a uma força que inclui também a sexualidade e que precisa encontrar uma espécie de resistência suave, adaptada no mundo externo. De acordo com a autora,

A agressividade vital é força que o indivíduo tem para afetar criativamente o mundo à sua volta e assim transformá-lo com vista a satisfazer seus anseios. Entretanto, essa mesma agressividade não busca apenas afetar o mundo e moldá-lo às suas necessidades, mas também precisa tomar contato com certa medida de resistência e oposição da realidade aos seus gestos – resistências que tornam a realidade passível de ser usada e aproveitada sem risco de quebra ou destruição. (Mizrahi, 2011, p. 182)

A criança necessita que o ambiente lhe ajude, amorosamente, a lidar com a ambivalência e a administrar os impulsos amorosos e agressivos ligados ao relacionamento entre pessoas. Também para Loparic (2011), acolher a ambivalência e fornecer uma espécie de código externo de comportamento,

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

“permite transformar a angústia e a culpa em responsabilidade, e criar a capacidade de tolerar – e até mesmo de valorizar – elementos agressivos no seu impulso amoroso” (Loparic, 2011, p. 73).

O excesso de agressividade contra o ambiente pode ser um dos indicativos de que houve perda de confiança no ambiente, que deixou prematuramente de atender às necessidades da criança. Winnicott supõe nos casos de tendência antissocial a perda de um ambiente externo, suficientemente bom, que já foi experimentado e depois perdido. Nesse contexto, é necessária a preservação do ambiente suficientemente bom, visto que a perda dele é percebida como uma privação, sentimento relacionado com a tendência antissocial. O tema da tendência antissocial, da forma como é apresentado por Winnicott, traz contribuições originais para a compreensão de sua gênese, assim como para a terapêutica a ser aplicada. Por esse motivo, será trabalhado mais adiante de forma cuidadosa.

Todas as etapas do desenvolvimento humano estão na dependência de um ambiente inicial suficientemente bom, que deve permanecer de alguma forma na sociedade, por meio de cuidados familiares, grupais e sociais, de forma a contribuir no percurso contínuo de amadurecimento dos indivíduos.

A partir dessa breve apresentação dos conceitos básicos da teoria winnicottiana do amadurecimento, podemos agora passar a falar mais especificamente sobre a ideia de saúde formulada pelo autor, vinculada com a criatividade e o sentimento de continuidade do ser, assim como analisar por que alguns de seus conceitos promovem uma mudança paradigmática com relação à psicanálise clássica, especialmente nas formas de compreender os processos de saúde, doença e cura.

Saúde, criatividade e sentimento de continuidade do ser

Quanto mais o vivente tiver sido atendido em suas necessidades nos primórdios de sua existência, quanto mais tiver se sentido apoiado e apreciado

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

em seus gestos espontâneos, maior será a sua potência de agir no mundo, maiores serão sua confiança no ambiente e sua sensação de existir em continuidade com o mundo. Conforme ressalta Martins (2009, p. 309),

Quem melhor desenvolveu, pesquisou e conheceu estas fases primitivas da formação do eu e do si-mesmo das pessoas foi, sem dúvida, Winnicott (ver, por exemplo, Winnicott, 2000a, 1983a e 1994b, passim), que nos mostra que, confirmando o que diz Freud, no início o bebê não distingue a si mesmo do mundo externo. Sente o seio materno como parte de si – daí Winnicott usar o termo mãe-ambiente. E pelo toque e pelo tato, pelo colo da mãe, ou de quem estiver cuidando dele, pelos cuidados maternos (*handling*), pela sustentação que sente (*holding*), o bebê se sente amparado, isto é, apoiado e sustentado pelo ambiente; sente-se em um vínculo indissociável, em continuidade com o ambiente, uno com o mundo, que sequer é percebido como mundo.

De acordo com o autor, tomando o mundo como continuidade de si mesmo, o indivíduo preserva seus gestos espontâneos à medida que não sente que o mundo ofereça muita resistência a eles. Dessa forma, a potência, o movimento criativo e as contribuições singulares dos viventes são facilitados.

O mundo deve ser apresentado ao bebê da forma mais simples possível, com previsibilidade e constância, de forma que a realidade externa possa ser compreensível e, dessa maneira, contribua para que ele seja minimamente perturbado por reações à invasão, sentimento que perturba sua sensação de continuar a ser no mundo. A seguinte passagem é um bom exemplo desse estado de coisas.

A continuidade do ser significa saúde. Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isso significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. (Winnicott, 1988/1990, p. 148)

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

A mãe suficientemente boa permite que seu bebê entre em contato com a realidade externa de uma forma adequada, com um tipo de experiência que posteriormente facilite o bebê a lidar de forma criativa com as dificuldades que a vida impõe. Sobre o significado da palavra “real”, que descreve o relacionamento com a realidade externa, Winnicott afirma que os bebês que puderam contar com uma maternagem ativamente adaptada às suas necessidades terão acesso à ilusão de que aquilo que encontram no mundo foi criado (alucinado) por eles, e esse estado de coisas facilita seu sentimento de continuidade de ser e continuidade com o mundo (Winnicott, 1988/1990). Em um artigo intitulado “O conceito de indivíduo saudável” (1967/2005), o psicanalista britânico relaciona o trauma com a interrupção do sentimento de continuidade do ser: “Trauma significa quebra de continuidade na existência de um indivíduo. É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do self, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo” (Winnicott, 1967/2005, p. 5).

O sentimento de continuidade do ser, experiência adquirida a partir de um ambiente adaptado e não omissivo ou invasivo, permite ao ser agir e não reagir. Portanto, é um sentimento que está diretamente articulado com a ideia do gesto espontâneo, da criatividade e com a saúde. Esquemáticamente, pode-se resumir essa experiência da seguinte maneira: o ser tem uma sensação de continuidade em seu existir quando o ambiente, além de se adaptar a suas necessidades e proporcionar o sentimento de onipotência, acolhe seus gestos espontâneos, tanto aqueles provenientes dos estados tranquilos como os dos estados excitados. O gesto espontâneo é um movimento pessoal e expansivo, portanto, uma criação do bebê que, quando endereçada às relações interpessoais, expressa o verdadeiro *self* em ação. A experiência de poder ser si mesmo e ser acolhido nessas condições oferece a possibilidade de uma inserção no mundo de forma espontânea e criativa, fatores que favorecem a saúde, a sensação de sentir-se real, visto que “o mundo interno da pessoa saudável relaciona-se com o mundo real ou externo,

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

e mesmo assim é pessoal, dotado de uma vivacidade própria” (Winnicott, 1967/2005, p. 14). Infere-se daí que a ideia de saúde em Winnicott relaciona-se com a possibilidade de se sentir real, de se expressar no mundo de forma singular, de sentir-se na base dos fenômenos que criam e recriam o mundo.

No pensamento de Winnicott, o sentimento de continuidade com o mundo é um dos resultados de uma maternagem suficientemente boa e uma das características de uma existência qualitativamente enriquecida, a qual pode exercer sua singularidade esperando que ela seja bem recebida pelo ambiente. Também o princípio deleuziano de univocidade traz a ideia de uma continuidade entre o indivíduo e o todo, ainda que não no sentido do sentimento oceânico tal como proposto por Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/1987), em que predominaria um sentimento de indiferenciação e não de singularização. Para Martins (2009), contrariamente, o sentimento de univocidade tal como empregado por Deleuze traz necessariamente a ideia de uma singularidade potente que cria o mundo junto com outras singularidades igualmente potentes, formando uma multiplicidade de singularidades que têm seus gestos criativos valorizados, visto que ajudam a compor a multiplicidade que caracteriza o mundo.

Quanto mais nossa livre expressão no mundo for acolhida e valorizada, mais tendemos a aprová-lo tragicamente, no sentido nietzschiano, a amá-lo em sua indeterminação e variedade, o que inclui a dor, a doença, as frustrações, os dissabores, as discordâncias, assim como as alegrias, os momentos nos quais se experimenta uma sensação de expansão.

De acordo com Peixoto Jr. (2010), ao abordar questões nietzschianas relacionadas ao corpo e à saúde, pode-se afirmar que não há saúde em si, “o que existem são as inumeráveis saúdes dos diferentes corpos em suas singularidades” (Peixoto Jr., 2010, p. 735). Nesse contexto, a ideia de uma saúde “normal” com um desenrolar previsível, preestabelecido, não existe propriamente. A saúde e a doença, assim como o comportamento que o vivente apresenta diante desses processos, fazem parte da natureza humana.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

Nas palavras de Peixoto Jr. (2010), a saúde, de acordo com os pressupostos de grande saúde de Nietzsche, “deve ser definida como processo dinâmico de ultrapassagem” (Peixoto Jr., 2010, p. 735). É nessa situação que o autor afirma que saúde e doença mantêm uma relação de composição, visto que a saúde se apresenta no combate à doença. Sendo assim, torna-se muito difícil estabelecer uma definição universal e essencialista sobre a saúde, pois esse é um processo individual, que se passa num corpo entendido no plano de imanência e não de representação, portanto, como um lugar de experimentação. Dessa forma, consideramos que a concepção de saúde de Winnicott guarda notáveis semelhanças com a grande saúde de Nietzsche, que comporta um pensamento trágico de afirmação da vida em todas as suas manifestações.

No contexto da tendência do vivente para o amadurecimento, para a integração de uma existência psicossomática, criativa, e que valha a pena ser vivida, o psicanalista inglês argumenta no artigo sobre os “Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico” (1954/1978) que é normal e saudável que o indivíduo se defenda contra falhas ambientais específicas por meio de uma espécie de “congelamento” da situação onde ocorreu a falha. Isso se dá na esperança inconsciente de que no futuro haverá uma nova oportunidade para reviver tal situação, e assim “descongelar” aquele momento de maturação que precisou ficar estagnado à espera de uma nova oportunidade para se expressar num ambiente suficientemente bom. É nesse sentido que Winnicott trabalha ativamente com a ideia de regressão durante a análise como parte do processo de cura.

Entretanto, Winnicott ressalta que a regressão e a possibilidade de “descongelamento” de alguma fase da vida na situação analítica só são possíveis em pessoas que ainda carregam consigo alguma esperança de uma nova oportunidade, visto que, nas pessoas muito doentes, há pouca disponibilidade para os movimentos de mudança necessários à terapia. “Apesar de o autor declarar que a saúde é tolerante com a doença, podemos

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

inferir que a saúde não seria tolerante com o excesso de rigidez e, portanto, com a impossibilidade de movimento” (Rodrigues & Peixoto Jr., 2014, p. 306).

A teoria sobre o indivíduo saudável de Winnicott ressalta que lidar com as falhas ambientais por meio de um congelamento, algo parecido como o conceito freudiano de ponto de fixação, é uma importante estratégia defensiva que nem sempre é bem-aceita, visto que deixa claro que, nos primórdios da vida, as falhas não são pessoais, e sim da adaptação por parte do ambiente. “Preocupa-nos aqui, portanto, não apenas a regressão a pontos bons ou maus nas experiências instintivas do indivíduo, mas também pontos bons ou maus na adaptação do ambiente às necessidades do ego e do id na história do indivíduo” (Winnicott, 1954b/1978, p. 380). O psicanalista inglês afirma ainda que a regressão, além de proporcionar uma nova chance para o indivíduo, também traz uma nova oportunidade para o ambiente: a de promover tardiamente a adaptação adequada. Dessa perspectiva o autor vincula os estados psicóticos aos estados de saúde, visto que, nesses casos, existe uma maior possibilidade de encontros no contato com o mundo que provoquem o descongelamento de certas situações traumáticas. Em outras palavras, devido ao fato de as psicoses estarem relacionadas a uma deficiência ambiental, externa, os acontecimentos da vida podem propiciar novamente o encontro com um ambiente confiável, que permita ao indivíduo reviver etapas de seu processo de amadurecimento de forma mais saudável.

Já os casos de neurose poderiam ser descritos, do ponto de vista winnicottiano, a partir de certa intolerância para com a ambivalência própria aos impulsos, primordialmente por uma dificuldade na distinção entre fantasia e realidade, o que resultaria em uma repressão interna (Loparic, 2011). Estando a psicose relacionada a uma falha do ambiente inicial e a neurose relacionada mais com uma ambivalência interna (ainda que provocada por falhas no ambiente inicial), Winnicott declara que os casos de psicose têm maior possibilidade de cura sem necessidade de psicanálise.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

Disto deriva o fato, caso isso seja um fato, de que é da psicose que um paciente pode recuperar-se espontaneamente, enquanto a psicose não permite a recuperação espontânea, tornando o psicanalista realmente necessário. Dito de outro modo, a psicose tem um vínculo estreito com a saúde, pelo qual um grande número de falhas ambientais congeladas pode ser recuperado e descongelado pelos muitos fenômenos curativos da vida cotidiana, tais como as amizades, os cuidados recebidos durante uma doença física, a poesia etc. (Winnicott, 1954b/1978, p. 381).

É nesse aspecto que Winnicott percebe a doença psicótica como uma organização defensiva com o intuito de proteger o verdadeiro *self*. Nesse contexto, o psicanalista inglês considera que o termo saúde não deve ser utilizado somente para aqueles que tiveram um ambiente suficientemente bom nos primórdios da vida, mas também para aqueles que, apesar de terem sido apresentados ao mundo de uma forma não adequada, ainda assim perseveraram na busca de um estado de saúde.

Esse segundo grupo, de pessoas que persistem no processo de um amadurecimento sadio apesar de não terem tido o que se pode chamar de um bom começo, seriam os “saudáveis por bem ou por mal” (Winnicott, 1967/2005, p. 15). O autor ressalta, entretanto, que essas pessoas no geral carregam dentro de si uma recordação da experiência traumática que faz com que sejam bastante susceptíveis ao adoecimento e à aproximação de experiências arcaicas de ansiedade.

Considerações finais

Considerando-se o exposto até aqui, é possível notar que na teoria de Winnicott uma boa saúde tem a ver com a alegria e a espontaneidade daqueles que tiveram um bom começo, mas também com aqueles que persistem na tendência ao amadurecimento por meio da possibilidade de “descongelamento” de certas situações emocionais traumáticas, do colapso ou ainda da depressão, por exemplo. Existem situações em que é benéfico para a saúde manter um contato com a doença, na esperança de que ela possa

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

levar o indivíduo de volta a um estado de saúde, caracterizado como uma vivência do tipo verdadeiro *self*, que, com seus gestos espontâneos, tem a possibilidade de expressar seu impulso vital e sentir-se real, criativo.

No quadro desta teoria, a regressão à dependência pode significar uma nova chance de reconstrução da personalidade, adquirindo o sentido de um processo de cura e de restabelecimento da saúde. A possibilidade de se reconstruir num ambiente confiável, facilitador, que estimule e valorize os gestos singulares, pode restabelecer o processo do amadurecimento saudável, que à época da dependência absoluta não foi possibilitado (Rodrigues e Peixoto Jr., 2014, p. 306).

É importante ressaltar que na teoria winnicottiana a fuga para a sanidade não é sinal de saúde, visto que impossibilita uma relação com a doença, a qual permite, em alguns casos, a entrada em contato com o verdadeiro *self*. A fuga para a sanidade implica um comportamento do tipo falso *self* que busca atender às demandas externas quanto ao que é considerado “normal”, o que termina por gerar “normopatas”, em vez de indivíduos criativos e normativos. A partir desse ponto de vista, é possível sustentar a ideia de que não existe propriamente um projeto estrito de saúde em Winnicott, mas apenas uma preocupação a respeito de como fazer para restaurar o fluxo da vida, o gesto espontâneo, a tendência ao amadurecimento e a consequente possibilidade de sentir-se potente no mundo.

Pensar em saúde e má saúde, na teoria do psicanalista inglês, leva necessariamente a pensar na ideia de dependência e independência, assim como no ritmo com que o ambiente se adaptou e desadaptou às necessidades do lactente. Enfim, para pensar a saúde, não falamos em termos individualizados, não responsabilizamos unicamente o paciente por seu estado, mas, fundamentalmente, nos perguntamos se o ambiente externo lhe permitiu ou lhe permite ser saudável. Ser normativo, ser criativo, sair-se bem nas situações a serem enfrentadas, depende, portanto, não somente de uma capacidade de fazer frente às dificuldades, de uma capacidade de “resiliência”

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

por parte do vivente. Sempre cabe perguntar a forma como o ambiente reagiu ou reage diante da espontaneidade, da singularidade e da capacidade do vivente para elaborar novas alternativas de vida. O autor destaca que o sintoma de uma vida não criativa é o sentimento de que as coisas não possuem significado, não fazem sentido, ou são acompanhadas pelo sentimento de futilidade, de que nada importa.

Cabe ressaltar que, para o psicanalista inglês (1962b/1983), o que interessa não é apenas a maturidade individual, mas a riqueza da realidade psíquica dos indivíduos, aquela possibilitada pela capacidade de transitar com naturalidade num espaço potencial, de ilusão e criatividade, que lhes permite viver singularmente e considerar que têm contribuições para fazer ao mundo, que também depende deles para ser construído. Dessa maneira, criatividade e continuidade do ser se ligam para formar um quadro em que a saúde depende da sensação de que a vida vale a pena ser vivida.

O amadurecimento que o autor vincula à saúde é um processo que se estende durante toda a existência e, por isso mesmo, comporta grande variabilidade de situações, inclusive o adoecimento, o sofrimento, questões inerentes à vida. Os estados de saúde a que Winnicott se refere prezam prioritariamente pela capacidade do indivíduo de sentir-se vivo, criativo, normativo, qualidades adquiridas a partir da existência de um ambiente suficientemente bom.

Referências

- Abraham, K. (1924). *Teoria psicanalítica da libido – Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- Borges, H. O processo de maturação como campo de atualização de virtualidades. In Armony, N., Melgaço, A. & Outeiral, J. (Orgs.). *Winnicott. Seminários Cariocas*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1991) *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

- Dias, E. O. *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- _____. Da interpretação ao manejo. In Reis, R. (Org.). *O pensamento de Winnicott: a clínica e a técnica*. São Paulo: DWW editorial, 2011a, pp. 99-120.
- _____, & Loparic, Z. (org.). *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.
- Estellita-Lins, C. E. Saúde e doença na Psicanálise: Sobre Georges Canguilhem e Donald W. Winnicott. In Bezerra, B. & Ortega, F. (Org.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007, pp. 363-390.
- Freud, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In *Um caso de Histeria Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (Vol. III, 1901-1905). Editora Imago: Rio de Janeiro, 1996.
- Fulgencio, L. Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia. In Dias E. & Loparic, Z. (Org.) *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW Editorial. 2011, pp. 75-99.
- Klein, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In Klein, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (Obras completas de Melanie Klein, Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Lejarraga, A. L. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- Loparic, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In E. Dias, & Z. Loparic (Org.). *Winnicott na escola de São Paulo*. São Paulo: DWW Editorial. 2011, p. 29-59.
- Martins, A. *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- Mizrahi, B. Édipo pensado como alegria e expressão de vitalidade: concepções inovadoras de Kohut e Winnicott que repercutem na clínica e na cultura. In R. Reis(Org.). *O pensamento de Winnicott: a clínica e a técnica*. São Paulo: DWW editorial, 2011.
- Peixoto Junior, C. A. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, VIII(4), 927-958, 2008.
- _____. (2013) Sobre o corpo-afeto em Spinoza e Winnicott. *Revista EPOS*. Rio de Janeiro, 4(2), jul-dez. de 2013; ISSN 2178-700X, 2013, 1-15.
- Plastino, C. A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. In Z. Loparic (Org.) *Winnicott e a ética do cuidado*. São Paulo: DWW editorial, 2013, pp. 263-304.
- Rodrigues, J. M. (2015) *Conceitos afirmativos de saúde e doença: Uma articulação entre os pensamentos de Georges Canguilhem e Donald Winnicott*. (Tese de doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Rodrigues, J. M., & Peixoto Junior, C. A. Reflexões sobre conceitos afirmativos e saúde e doença nas teorias de Georges Canguilhem e Donald Winnicott. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24–(1), 291-310, 2014.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p. 269-285.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

- _____. (1949) A mente e sua relação com o psique-soma. In: _____. **Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise. Trad. de Jane Russo. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p. 409-425.**
- _____. (1950) **Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional.** In: _____. **Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.** (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p. 355-374.
- _____. (1951). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais.* In: _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p. 389-408.
- _____. (1952). Psicose e cuidados maternos. In _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, pp. 375-387.
- _____. (1954a). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, pp. 437-458.
- _____. (1954b). Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico. In _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, pp. 459-481.
- _____. (1955/6). Formas clínicas da transferência. In _____. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, pp. 483-489.
- _____. (1956) Preocupação materna primária. In _____. *Textos selecionados da pediatria à psicanálise.* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, p. 491-498.
- _____. (1958) Psicanálise do sentimento de culpa. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 19-30.
- _____. (1958 b). A capacidade para estar só. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 31-38.
- _____. (1960a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 38-52.
- _____. (1960 b) Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro "self". In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 128-139.
- _____. (1961). Tipos de psicoterapia. In _____. *Tudo começa em casa.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 93-104.
- _____. (1962) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 55-62.

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

- _____. (1962 b) Provisão para a criança na saúde e na crise. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 62-70.
- _____. (1963a). O valor da depressão. In _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 59-68.
- _____. (1963b) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 79-87.
- _____. (1963c) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 70-79.
- _____. (1963d) Os doentes na prática clínica. In _____. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, Artmed, 1983, pp. 70-79.
- _____. (1964) O conceito de falso self. In _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 53-58.
- _____. (1965) *A família e o desenvolvimento individual*. M. B. Cipola. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- _____. (1967). O conceito de indivíduo saudável. In _____. *Tudo começa em casa*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005, p. 3-22.
- _____. (1967a). A delinquência como sinal de esperança. In _____. *Tudo começa em casa*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005, pp. 81-91.
- _____. (1968). Sum: Eu sou. In _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 41-52.
- _____. (1969) A experiência mãe-bebê de mutualidade. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis. *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (J. O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1994, pp. 195-202.
- _____. (1970). Vivendo de modo criativo. In _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 23-40.
- _____. (1970b). Sobre as bases para o Self no corpo. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis. *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (J. O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1994, pp. 203-211.
- _____. (1970c). A cura. In _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 105-114.
- _____. (1971). *O brincar e a realidade*. (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1989). Pós-Escrito: D. W. W. sobre D. W. W. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis. *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. (J. O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1994, pp. 203-211.

Resumo

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

No decorrer deste artigo, pretendemos abordar o tema da saúde no contexto da teoria do psicanalista e pediatra britânico Donald Woods Winnicott (1896-1971), partindo do pressuposto de que a sua conceituação sobre o tema se coloca em uma vertente distinta daquela sustentada pelo pensamento psicanalítico mais tradicional. No contexto de sua teoria, estados de saúde são entendidos como aquilo que nos coloca em contato com o nosso verdadeiro *self* e nos confere uma capacidade de expressão singular e criativa. Para o psicanalista britânico, o tema saúde está para além do tema da normalidade, é uma questão que deve ser repensada a todo momento em sua complexidade. Ao abordar a gênese dos estados de saúde na obra winnicottiana, entende-se que este é um estado ligado ao processo de amadurecimento do ser humano e que comporta momentos não necessariamente adaptados, na medida em que a possibilidade de adoecer é encarada como uma parte da vida. O percurso que faremos pela teoria de Winnicott busca demonstrar a forma como seu pensamento traz novas contribuições teóricas para a exploração das mais diversas formas de abordagem terapêutica solicitadas pela prática clínica da atualidade.

Palavras-chave: Ambiente. Amadurecimento. Saúde. Doença. Criatividade.

SOBRE LA NOTIÓN DE SALUD DERIVADA DE LA TEORÍA DE LA MATURATION EMOCIONAL DE DONALD WINNICOTT

Resumen

En el transcurso de este artículo pretendemos abordar el tema de la salud en el contexto de la teoría del psicoanalista y pediatra británico Donald Woods Winnicott (1896-1971), partiendo del supuesto de que su conceptualización sobre el tema se plantea en una vertiente distinta de aquella sostenida por el pensamiento psicoanalítico más tradicional. En el contexto de su teoría, los estados de salud se entienden como aquello que nos pone en contacto con nuestro verdadero *self* y nos confiere una capacidad de expresión singular y creativa. Para el psicoanalista británico, el tema de la salud está más allá del tema de la normalidad, es una cuestión que debe ser repensada en todo momento en su complejidad. Al abordar la génesis de los estados de salud en la obra winnicottiana, se entiende que éste es un estado ligado al proceso de maduración del ser humano y que comporta momentos no necesariamente adaptados, puesto que la posibilidad de enfermarse es considerada como una parte de la vida. El recorrido que haremos por la teoría de Winnicott busca demostrar la forma como su pensamiento trae nuevas contribuciones teóricas para la exploración de las más diversas formas de abordaje terapéutico solicitadas por la práctica clínica de la actualidad.

Palabras clave: Ambiente. Maduración. Salud. Enfermedad. Creatividad.

SUR LA NOTION DE SANTÉ DÉCOULANT DE LA THÉORIE DE LA MATURATION ÉMOTIONNELLE DE DONALD WINNICOTT

Résumé

Tout au long de cet article nous avons l'intention d'aborder la question de la santé dans le contexte de la théorie du psychanalyste et pédiatre britannique Donald Winnicott (1896-1971), en supposant que votre concept sur ce thème se pose d'une manière distincte de celle soutenue par la pensée psychanalytique plus traditionnelle. Dans le cadre de sa théorie, les états de santé sont compris comme ce qui nous met en contact avec notre vrai moi et nous donne une capacité d'expression unique et créative. Pour le psychanalyste britannique, la question de la santé est au-delà du thème de normale, est une question qui devrait être réexaminée à tout moment dans sa complexité. En abordant la genèse des conditions de santé dans le travail de

Rodrigues, Juliana Martins; Peixoto Junior, Carlos Augusto. Sobre a noção de saúde decorrente da teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott

Winnicott, il est entendu que c'est un état lié au processus de maturation de l'être humain et y compris les temps pas forcément adaptés, car la possibilité de devenir malade est considérée comme une partie de la vie. La route que nous allons faire dans la théorie de Winnicott cherche à démontrer comment leur pensée apporte de nouvelles contributions théoriques à l'exploration des diverses formes d'approche thérapeutique requise par la pratique clinique d'aujourd'hui.

Mots-clés: Environnement. Maturation. Santé. Maladie. Créativité.

ABOUT THE NOTION OF HEALTH DERIVING FROM THE THEORY OF THE EMOCIONAL MATURATION OF DONALD WINNICOTT

Abstract

In the course of this article we intend to address the theme of health in the context of the theory of the psychoanalyst and British pediatric Donald Woods Winnicott (1896-1971), based on the assumption that his conceptualization on this topic is placed in a different line from that sustained by the more traditional psychoanalytic thinking. In the context of his theory, states of health are understood as what brings us into contact with our true self and gives us the capacity for singular and creative expression. For the British psychoanalyst, the theme of health is beyond the theme of normality, it is an issue that must be rethought at all times in its complexity. In addressing the genesis of health states in the Winnicottian work, it is understood that this is a state linked to the process of human maturation and that it involves moments not necessarily adapted, since the possibility of becoming ill is seen as a part of life. The path that we will make through Winnicott's theory seeks to demonstrate the way in which his thought brings new theoretical contributions for the exploration of the most diverse forms of therapeutic approach requested by current clinical practice.

Keywords: Environment. Maturation. Health. Disease. Creativity.